

Corpos latinos: espaços biográficos que es/barram na/da fronteira epistêmica da exterioridade¹

Cuerpos latinos: espacios biográficos que se abren en / desde la frontera epistémica de la exterioridade

Corpos latinos: espaços biográficos que es / barram na / da fronteira epistêmica da exterioridade

Marina Maura de Oliveira Noronha²
Edgar César Nolasco³

Resumo

Pensar em corpo, a partir de corpo epistêmico fronteiriço, justifica-se refletir acerca uma epistemologia *outra* descolonial, diferente dos discursos hegemônicos coloniais/modernos, os quais geram cultura e conhecimentos de suas diferenças coloniais. Assim, a proposta basilar deste trabalho, o qual dá-se atravessado pela crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013), recai na importância de discutir a condição de “corpos” da fronteira-sul com suas práticas epistêmicas culturais, levando-se em conta, sobretudo, uma visada traçada pela Epistemologia do Sul (SANTOS, 2009), cujos saberes partem de um lócus geohistórico, no que se refere ao lócus de onde penso e erijo meu discurso crítico latino. Neste caso, o corpo epistêmico fronteiriço, tomado como uma opção descolonial, es/barra nos projetos e nas epistemologias coloniais/modernas arraigadas nos espaços fronteiriços. Para tanto, enuncio meu discurso teórico a pensar do corpo da exterioridade, demonstrando minha desobediência epistêmica de *ser*, pensar e re-existir com meu discurso cultural, social, político e teórico na/da fronteira de Mato Grosso do Sul. Acerca disso, por meio de histórias locais e não globais contempladas pela *sapiência* moderna objetiva-se, uma epistemologia *outra* da fronteira-sul que encampe as particularidades de sujeitos com seus fazeres/saberes específicos, assim como o meu/nossos “corpos” situados de *onde se pensa*, e que, por conseguinte, re-existem no âmbito da latinidade fronteiriça. Nesse ponto, trato com os teóricos/críticos, tais como: Gloria Anzaldúa (2007), Walter Dignolo (2017), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2020), Ramón Grosfoguel (2009), Aníbal Quijano (2009), Zulma Palermo (2010) e outros que dialogam com a epistemologia contemplada.

Palavras-Chave: Corpo epistêmico fronteiriço; Desobediência epistêmica; Exterioridade; Crítica biográfica fronteiriça.

Resumen

Pensando en el cuerpo, desde un cuerpo epistémico de frontera, se justifica reflexionar sobre una epistemología distinta a la decolonial, diferente a los discursos hegemónicos colonial / moderno, que generan cultura y conocimiento de sus diferencias coloniales. Así, la propuesta básica de este trabajo, atravesada por la crítica biográfica de frontera (NOLASCO, 2013), recae en la importancia de discutir la condición de los “cuerpos” de la frontera sur con sus prácticas culturales epistémicas, teniendo en cuenta sobre todo, una mirada trazada por Epistemología del Sur (SANTOS, 2009), cuyo conocimiento proviene de un locus geohistórico, en relación al locus desde el que pienso y levanto mi discurso crítico latino. En este caso, el cuerpo epistémico fronterizo,

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020

² Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; marina.m.noronha@gmail.com.

³ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação nível Mestrado e Doutorado; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

tomado como uma opção descolonial, está vedado em projetos e epistemologias coloniais / modernas arraigadas em espaços fronteirizos. Para isso, enunciei meu discurso teórico para pensar o corpo da exterioridade, demonstrando minha desobediência epistêmica do ser, pensar e re-existir com meu discurso cultural, social, político e teórico em / desde a fronteira de Mato Grosso do Sul. Através de histórias locais e não globais contempladas pela sabedoria moderna, aponta, uma epistemologia diferente da fronteira sul que cobre as particularidades dos sujeitos com seus feitos / conhecimentos específicos, assim como meus / nossos “corpos” localizados desde onde se pensa. , e que, portanto, reexistem no âmbito da latinidade fronteiriza. Neste ponto, diálogo com teóricos / críticos, como: Gloria Anzaldúa (2007), Walter Mignolo (2017), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2020), Ramón Grosfoguel (2009), Aníbal Quijano (2009), Zulma Palermo (2010) e outros que dialogam com a epistemologia contemplada.

Palabras claves: Cuerpo epistémico fronterizo; Desobediencia epistémica; Exterioridad; Crítica biográfica fronteriza.

Abstract

Thinking about the body, based on an epistemic frontier body, it is justified to reflect on an epistemology other than decolonial, different from the colonial / modern hegemonic discourses, which generate culture and knowledge of their colonial differences. Thus, the basic proposal of this work, which is crossed by the frontier biographical criticism (NOLASCO, 2013), falls on the importance of discussing the condition of “bodies” of the southern border with their cultural epistemic practices, taking into account above all, a view traced by the Epistemology of the South (SANTOS, 2009), compared knowledge comes from a geo-historical locus, with regard to the locus from which I think and erect my critical Latin discourse. In this case, the border epistemic body, takes as a decolonial option, s / bar in colonial / modern projects and epistemologies rooted in border spaces. To this end, I enunciate my theoretical discourse to think of the body of exteriority, demonstrating my epistemic disobedience of being, thinking and reexisting with my cultural, social, political and theoretical discourse on / from the border of Mato Grosso do Sul. About this, through local and non-global histories contemplated by modern wisdom, it is aimed at an epistemology other than the south-frontier that it addresses as particularities of subjects with specific doings / knowledge, as well as my / our “bodies” located from where one thinks, and that therefore, they re-exist within the scope of border Latinity. At this point, I deal with theorists / obligors, such as: Gloria Anzaldúa (2007), Walter Mignolo (2017), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2020), Ramón Grosfoguel (2009), Aníbal Quijano (2009), Zulma Palermo (2010) and others who dialogue with the contemplated epistemology.

Keywords: Border epistemic body; Epistemic disobedience; Exteriority; Frontier biographical criticism.

1. Introdução

Este trabalho visa uma reflexão a partir do “corpo epistêmico fronteiriço” para pensar a prática epistêmica, dele decorrente, na/da fronteira-sul, embasada em teorias descoloniais. Busco colocar em cena os corpos da diferença que transitam nas/das fronteiras sul-mato-grossenses, visto que faço fronteira com os países vizinhos Paraguai e Bolívia. Este artigo propõe questões pertinentes para as atuais sociedades latinas. Tal reflexão dá-se amparada em conceitos e teorizações advindos, sobretudo, da Crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015). Entre tais conceitos, menciono os de exterioridade (MIGNOLO; NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA) desobediência epistêmica (MIGNOLO; PALERMO) e outros, e cujas reflexões são fundamentais para a discussão sobre a presença do corpo epistêmico fronteiriço descolonial do MS.

Nesse cenário, o corpo situado em um lócus fronteiriço terá como ilustração corpos subjugados da diferença colonial de indivíduos da exterioridade – negro, mulher, indígena,

homossexual, pobre, de cor e outros, os quais atravessados pela teorização à luz da fronteira-sul nos embasam para ler melhor os corpos subalternos por uma leitura descolonial. Neste caso, sendo corpos que, a contragosto do poder, destoam do padrão moderno, corpos da diferença colonial que correm por fora, contornando as bordas dos discursos imperiais/territoriais universalizantes.

Este trabalho, desde o título corpos latinos: espaços biográficos que es/barram na/da fronteira epistêmica da exterioridade, sinaliza que sua discussão está pautada num recorte epistemológico biográfico-fronteiriço que toma o corpo como um “corpo epistêmico descolonial” que pode ser posto em diálogo com as práticas epistêmicas sul-mato-grossenses e viabilizar um olhar outro de representação do corpo na América Latina. Registra-se que a partir dessa proposta de leitura descolonial, o corpo epistêmico não vem fixado nos moldes da memória (e da própria razão de corpo) histórica como assim o defendeu o sistema colonial moderno que regeu toda a discussão para pensar o corpo.

A proposta, em âmbito geral, partilha da ideia de que é possível compreender e falar do e a *partir do* (MIGNOLO, 2003) corpo epistêmico para além da ideia moderna que tomou o corpo como um modelo histórico que podia ser repetido e encenado através dos tempos, ignorando, por sua vez, que cada corpo histórico traz um *bios* inscrito e que se encena na cultura/local. Logo, o corpo neste trabalho vem atravessado (ANZALDÚA, 2007) por uma epistemologia outra da fronteira-sul que privilegia, sobretudo, a diferença descolonial dos corpos da fronteira. Desse modo, o corpo fronteiriço aqui pensado permita-nos a compreender melhor como o corpo em estado de fronteira foi e ainda o é pensado pelo imaginário social e cultural. Portanto, fica entendido que á contrapontos diante da posição do corpo fronteiriço pensado pelo corpo do pensamento moderno. O primeiro o corpo fronteiriço aqui em reflexão volta-se para saberes locais, “ [...] subalterno por excelência, como forma, especificamente, de barrar as pretensões da crítica do centro enquanto um corpo unitário de crítica que pretenda filtrar hierarquias” (NOLASCO, 2013, p. 52) em nome de um saber verdadeiro e excludente. Já o corpo da modernidade traz o conceito de ‘corpo’ como “[...] implicações mistificadoras do antigo ‘dualismo’ eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo, etc.)” (QUIJANO, 2009 p. 113), um corpo inserido no cogito cartesiano *penso, logo existo*, que desassociou a razão da emoção. Por conseguinte, busco com o estudo que o corpo transborde para além das fronteiras que ainda estabelecem limites as práticas epistêmicas fronteiriças.

2. Meu corpo contém ar: da fronteira-sul

O essencial aqui é o lócus da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo-político do sujeito que fala. Na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. A ‘egopolítica do conhecimento’ da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um ‘Ego’ não situado (GROSFOGUEL, 2009, p. 386).

O corpo torna-se uma arena política, uma extensão dos conflitos que perturbam a sociedade. O corpo intruso torna-se numa extensão da estranheza da agressão, inicialmente personificada pelos colonialistas europeus e, mais tarde, num contexto pós-colonial, pelas intervenções econômicas e políticas estrangeiras (MENESES, 2009, p. 199).

A fronteira [...] é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo roça o primeiro e sangra. E antes que a crosta se forme, a hemorragia volta, a força vital de dois mundos que se fundem para formar um terceiro país, uma cultura de fronteira (ANZALDÚA, 2007, p. 42).

Pensar em fronteira recai na ideia primeira de espaço geográfico e viver em estado de fronteira como o meu corpo que habita na/da fronteiridade de Mato Grosso do Sul: um espaço cultural, social, político e de saberes específicos, que não foi contemplado aos moldes defendidos pelo projeto ocidental/moderno Europeu. Portanto, o corpo nesta escrita será o meu Sul, guiado pela minha bússola-corpórea que se ampara na crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013) assim busco aferir reflexões com meu corpo da exterioridade situado na/da fronteira-sul como forma de es/barrar nos projetos de circulação da cultura, da política e do conhecimento postas pelas produções pensadas da interioridade moderna; tais projetos são operantes e declarados como espaços geográficos priorizados e edificados (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 103) pelo seus contextos hegemônicos que impedem o transitar de corpos *outros* que se situam na sua diferença colonial.

Nessa direção, a relevância deste trabalho é o fato de a fronteira-sul ser o meu lócus dessa reflexão nos desperta um olhar cultural e político do corpo, tendo em vista os corpos que transitam nas fronteiras e das relações por ele engendradas, o que muito diz respeito à atual sociedade latina. Pelo viés descolonial o corpo fronteira pode ser compreendido como condição para pensar as práticas dos saberes de Mato Grosso do Sul e a importância de pensar a partir de uma epistemologia do Sul visando compreender atravessado ambos pela questão do *bios*, tanto das práticas, quanto o corpo do próprio pesquisador pensante, com a finalidade maior de contornar com maior justeza crítica o corpo epistêmico que encena no discurso epistêmico da fronteira-sul uma vez que tal leitura ainda não foi devidamente realizada no âmbito acadêmico para pensar corpos a partir do lócus fronteiriço.

Pontuando minhas reflexões epistêmicas como intenção de aproximação entre as fronteiras dos corpos/lugares, lanço mão do discurso com meu/nossos corpos epistêmicos fronteiriços, do qual tomo da exterioridade, para *narrar* corpos da fronteira-sul com memórias, histórias e vivências *outras*, vidas que parecem bifurcarem-se, mas que na verdade nesse

ínterim das relações dos corpos na/da fronteira se entrelaçam por mim, pois falo do outro para falar de minhas/nossas histórias (bio)locais que foram invisibilizadas pela fronteira da interioridade colonial/moderna.

De modo não só geográfico, mas também epistêmico e político que a fronteira-sul deve ser entendida neste trabalho, assim, a discussão se dá com o trajeto da Epistemologia do Sul (SANTOS, 2009) como um campo de desafios epistêmicos (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12). Compreende-se com Boaventura que as epistemologias do Sul são um convite a um amplo reconhecimento das experiências de conhecimentos do mundo. Esta concepção do Sul que se sobrepõe em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12); mas aqui quero pensar com os espaços da latinidade, sendo lugares que foram submetidos à colonialidade europeia, espaços de opressão e de exclusão, o qual, procuro edificar discussões com essas “fronteiras” que ainda barram, cercam, limitam com barricada e trincheira nossos corpos da exterioridade. De acordo com o intelectual Mignolo:

O pensamento desde a borda é a epistemologia da exterioridade, isto é, do exterior criado a partir de dentro e, como tal, é sempre um projeto colonial. Imigração a lugares recentes no império da Europa e dos Estados Unidos - cruzando as diferenças colonial e imperial - contribuem para manter as condições de pensamento de borda que surgiu desde o início da expansão imperial moderna. (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 02).

Entretanto, meu corpo contém ar daqui da fronteira seca de Mato Grosso do Sul; dessa forma, acaba por contrapor a ideia de fronteira pensada de modo análogo, arcaico pelos discursos formais que encampam a colonialidade moderna (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 103); logo, pensando em contextos da latinidade, concerne na emergência de epistemologias com o pensamento que deve centrar-se na valorização da diversidade dos saberes para que a intencionalidade e a inteligibilidade das práticas sociais sejam a mais ampla e democrática (SANTOS; MENESES, 2009, p. 18). Abre-se, assim, o que busco contrastar uma passagem entre barra/fronteira para romper as barreiras que de-limitam nossos corpos/lugares em situação de fronteira com a livre circulação do meu/nossos corpos afetados pelas fronteiras hegemônicas da diferença colonial, por quem detêm o poder, Grosfoguel abre espaço para o pensamento fronteiriço:

É a partir da geopolítica do conhecimento desta relativa exterioridade, ou margens, que emerge o “pensamento crítico de fronteira” como uma crítica da modernidade, com vista a um mundo transmoderno pluriversal (Mignolo, 2000) de múltiplos e diversos projectos ético-políticos em que poderia existir um diálogo e uma comunicação verdadeiramente horizontais entre todos os povos do mundo. No entanto, para concretizar este projecto utópico é essencial transformar os sistemas de dominação e de exploração da actual matriz de poder colonial do sistema-mundo patriarcal/capitalista colonial/moderno (GROSGOUEL, 2009, p. 409).

Por conseguinte, a fim de contemplar o que o intelectual Grosfoguel com seu olhar socializador me direciona a pensarmos por um *pensamento crítico de fronteira*, uma alternativa possível de *um diálogo e uma comunicação verdadeiramente horizontais entre os povos do mundo*. Tais reflexões corroboram com: a forma de barrar o poder colonial imperante do sistema-mapa-mundo sendo dessa perspectiva, como propus aqui, a crítica biográfica fronteira igualmente me possibilita a pensarmos a partir do meu corpo epistêmico fronteiro⁴ de um lócus geográfico, no que se refere ao lócus de onde penso e erijo meu discurso crítico latino e demonstro minha desobediência epistêmica (MIGNOLO) de *ser*, pensar e re-existir com meu discurso cultural, social, político e teórico na/da fronteira de Mato Grosso do Sul.

Sendo assim, pensando o meu lócus de enunciação, minha condição fronteira e o cenário que realçam o meu corpo da fronteira-Sul e as minhas vivências latinas. Corroboram na experiência de poder contrapor ao que fomos *programados pela razão imperial/colonial* da perspectiva de tornarem tudo e todos “iguais”, logo tenhamos consciência da importância de (re)escrever nossos saberes a partir de uma teorização biográfica fronteira que pode de fato dar conta de *re-teorizar* e considerar o meu/nossos corpos inseridos nas nossas práticas epistêmicas.

Por isso meu corpo teima em desobedecer (NOLASCO, 2013, p. 13), porque estou argumentando aqui a favor da opção descolonial como desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008, p. 289), trilhando caminhos das sensibilidades biográficas no que tange pensar uma epistemologia que parta da fronteira como forma múltiplas de entendimento das narrativas que es/barram nas fronteiras biográficas, sociais, culturais e geográficas dos corpos desiguais na sociedade. O intelectual Nolasco reforça o que busco pensar:

A discussão aqui não está presidida pela gramática da razão, nem pela lógica do pensamento moderno e nem muito menos pela retórica do discurso eurocêntrico; mas, antes, pela desgramática impura da fronteira atravessada por suas intimidades, suas sensibilidades, sua biografia, e cuja epistemologia fronteira do “dois-em-um ou o ser-um-no-outro” parte da *exterioridade* do dentro (PESSANHA *apud* NOLASCO, 2019, p. 19-20).

Neste caso, sob a iminência de pensarmos como corpos-fronteira da latinidade, com minhas/nossas práticas culturais específicas que se dão a partir de projetos locais da exterioridade *ético-político*, logo, o meu/nossos corpos aqui encenam na/da fronteira-sul lugar

⁴ A ideia de corpo epistêmico fronteiro está assentada na formulação de espaços ocupados por corpos não reconhecidos e que não “existem” para o pensamento ocidental moderno que estabeleceu um modelo de corpo cientificista a ser per(seguido) que se pensa hegemonicamente, por isso existo!

em situação de supressão por barra/separação colonial/moderna, mas que também se es/barra nesse projeto como forma de aproximação e separação, no mesmo momento contrariando o que nos foram impostos. A ideia é não incorrer a erros para a manutenção dos discursos binários e universalizantes contemplados pela *sapiência* moderna:

Eis que se torna importante distinguir ‘lugar epistêmico’ e ‘lugar social’. O facto de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir de um lugar epistêmico subalterno. Justamente, o êxito do sistema-mudo colonial/moderno reside em levar os sujeitos socialmente como aqueles que se encontram em posições dominantes (GROSFUGUEL, 2009, 387).

Assim, os corpos que se *roçam* entre si cotidianamente nas/das fronteiras desse sistema-mapa-mundo são múltiplos. Mas o que evidencio nesta reflexão é que a fronteira está no espaço da exterioridade pensada por uma razão subalterna; portanto, a teórica Anzaldúa traz a noção de fronteira no delongar de toda obra *Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza: es una herida abierta* onde o Terceiro Mundo se *roça* contra o Primeiro e sangra (ANZALDÚA, 2007, p. 42), alicerçada a está noção de fronteira, entende-se o que propus pensar entre espaços de aproximações e separações de corpos/lugares que partem das diferenças culturais e coloniais, mas que também se es/barram entre corpos com as fronteiras da interioridade europeia e/ou estadunidense, um espaço que de-marca limites aos corpos que correm por fora dos discursos universalizantes e que, por conseguinte, como forma de controle e dominação esses ainda de modo perverso, abrem valas em nossos corpos deixando uma ferida em aberto como sinal da diferença colonial e que ainda sangra dos meu/nossos corpos latinos ao *roçar* nossos corpos entre essas partes na fronteira.

Quero dizer, neste sentido, que é emergencial uma consciência *outra* como a que estou pensando da latinidade da fronteira-sul um local de onde re-existimos (Terceiro Mundo), por certo, é preciso uma epistemologia do Sul, que vem das bordas, da margem da fronteiridade como forma de aproximação, mas para romper com a fronteira do instituído. Falar das bordas significa reescrever as fronteiras geográficas, as subjetividades imperiais/coloniais e epistemologias territoriais (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 12-13). Portanto, minha posição contrária às fronteiras modernas está na intenção de barrar esses discursos imperantes acadêmicas, disciplinares, duais e modernos, que cercam nossos corpos e nos classificam como viajantes corpos da fronteira marginalizados e inconvenientes e que não produzem conhecimentos, que culminantemente proporcionam saberes (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 264) mas não conhecimentos como o reconhecido pela ciência das humanidades. Para Mignolo e Tlostanova, os saberes de lugares *outros* como:

A teoria do pensamento a partir da borda surgiu como resposta a violência (fronteiras) da epistemologia imperial/territorial e da retórica da modernidade (e globalização) da

salvação que continua a ser implementada hoje porque a inferioridade do Outro ou suas más intenções são assumidas e, portanto, continua a justificar a opressão, exploração e destruição da diferença (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 02).

Acerca disso, é por meio de produções e histórias locais e não globais contempladas pela *sapiência* moderna com a “verdade absoluta” que objetiva-se uma epistemologia *outra*, um *pensamento crítico de fronteira*, sendo a resposta epistêmica do subalterno ao projeto eurocêntrico da modernidade (GROSGOUEL, 2009, 407). Locais das bordas se redefinem como bem diz o teórico Grosfoguel, é um espaço em que fomos afetados e produzidos pela modernidade européia, mas nunca totalmente subsumidos ou instrumentalizados (GROSGOUEL, 2009, p. 409). Dessa ótica, com meu/nossos corpos/lugares situados na/da fronteira-sul e com nossas produções culturais, sociais, políticas e conhecimentos de exterioridade - mulher, indígena, negro, gays, pobres, latinos e outros corpos que constituem de fato a exterioridade tomam como opção descolonial o prezar pelas vidas. Nesta direção, re-existimos com as particularidades de sujeitos com seus fazeres/saberes específicos e com a consciência fronteira engastada no meu/nossos “corpos”, situamo-nos de *onde se pensa*, portanto, meu corpo contém ar daqui da fronteira-sul no âmbito da latinidade.

3. Conclusão

Por meio deste trabalho, almejo levar ao entendimento pensamentos outros, que estão no campo cultural, social e político. Por esse viés, o estudo aqui supracitado tem um ganho acerca do corpo que encenam na/da fronteira de Mato Grosso do Sul, em que busco re-ler e re-locar corpos com as memórias e histórias dos sujeitos/lugares para a compreensão dos corpos silenciados da sociedade latina, aqui em questão, mais precisamente dos sujeitos corpos fronteiriços.

Nessa direção, busquei neste trabalho, tomando o corpo epistêmico fronteiriço, estabelecer relações a partir de práticas epistêmicas para o reconhecimento dos corpos subjugados da diferença colonial com seus saberes/fazeres particulares ainda desconsiderados pelo pensamento homogeneizante e universalista do conhecimento que se centra na perspectiva histórica da tradição filosófica ocidental/moderna, defendida pela ciência das humanidades.

Nesse sentido, mas sem medo de desnudar-nos com minha/nossas sensibilidades das bordas da fronteira-sul, nossa opção de vida é de um trabalho de ação descolonial. Nessa questão temos epistemologias, teorizações e práticas que corroboram como *oposição ao nosso Sul* es/barrando nas histórias itinerantes contadas como nossa. Em perspectiva outra temos a nosso favor formulações outras que pactuam a ideia de re-ler nossas próprias histórias, as

quais procurei para nos pensar, a partir de um pensamento crítico fronteiriço, portanto tais reflexões desse trabalho são feitas de onde penso – não como quer que pensemos o resto do mundo. Diante dessas pretensões pensadas a partir do território sul-mato-grossense, o trabalho torna-se relevante quando este está exclusivamente sendo pensado para regressar a sociedade.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. BIOGEOGRAFIAS ARTÍSTICAS COMO EXTERIORIDADE DOS FAZERES – Corpos latinos fronteiriços. 2018 . Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/536>. Acesso em 11 agosto. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. A arte como espaço e Fronteiração – aproximação e separação dos múltiplos atravessamentos contemporâneos. In: *Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI*. Teresina, v.8, n. 2, jul/dez. 2019.

GROSFUGUEL, Ramón. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (org.) *Epistemologias do Sul*, 2009.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. De Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Literatura, língua e identidade*, n.34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina. “*Habitar los dos lados de la frontera*/teorizar en el cuerpo de esa experiencia”. In: *Revista IXCHEL*. Volúmen I, San José, Costa Rica, 2009, p. 1-22. Disponível em: http://www.revistaixchel.org/attachments/047_Habitar%20los%20dos%20lados%20art_%20Walter%20Mignolo.doc%29.pdf – acessado em: 30 de maio de 2013. **286**

MIGNOLO, Walter. *Desafios decoloniais hoje*. Trad. De Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter D.. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MENESES, Maria Paula. SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MENESES, Maria Paula. Corpos de violência, Linguagens de Resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 177-214.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. *Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas*, 2018, p. 01-34.

NOLASCO, Edgar César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 9-29, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar César. *O jardim das fronteiras*. São Paulo: Intermeios, 2020.
PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Editora UBU, 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.